

OS OLHOS QUE CALCULAM E OS OLHOS QUE CONTEMPLAM: UMA ANÁLISE HEIDEGGERIANA SOBRE O PENSAR TÉCNICO.

THE EYES THAT CALCULATING AND THE EYES THAT CONTEMPLATE: A HEIDEGGERIAN ANALYSIS OF TECHNICAL THINKING.

Angela Luzia Miranda*
Maria Renata de Castro Sulino**

Recebido: 04/2016
Aprovado: 10/2016

Resumo: *Que significa pensar na modernidade? Ou ainda, qual a relação entre o pensamento, a linguagem e a técnica em nossa época? Estas questões iniciais movem este trabalho, que tem como objetivo: analisar, a partir da perspectiva heideggeriana, a atividade do pensar técnico na modernidade. De um lado, os olhos que contemplam, com o pensar meditativo; do outro, os olhos que calculam, com o pensar calculador. Além de evidenciar a relação existente entre o pensar e a técnica moderna, este estudo pretende, também, demonstrar de que forma essas implicações perpassam a questão da essência da linguagem. Para tanto, foram utilizadas principalmente as obras de Heidegger que dialogam com esta temática, tais como: Construir, habitar, pensar (2001); A caminho da linguagem (2003), A questão da técnica (2012), O que quer dizer pensar? (2002), O fim da filosofia e a tarefa do pensamento (1966), Serenidade (2001).*

Palavras-chave: Heidegger, Pensamento, Técnica, Linguagem.

Abstract: *What means to think on the modernity? Even more, what is the relation between thinking, language and technique in our epoch? These initial questions move this paper, in which aims: to analyse, from the Heideggerian perspective, the activity of the technological thinking on the modernity. On the one hand, eyes that behold, with the meditative thinking; on the other hand, eyes that calculate, with the calculative thinking. Apart to highlight the existing relation between think and the modern technique, this study also is intent to make evident in which way these implications runs through the question of the essence of language. Therefore, this paper made use mainly of Heidegger's work that dialogues with this theme, such as: Building Dwelling Thinking (2001); Unterwegs zur Sprache ["On the Way to Language"] (2003), The Question Concerning Technology (2012), What is called thinking? (2002), The end of Philosophy and the task of thinking (1966), Serenity (2001).*

Keywords: Heidegger, Thinking, Technique, Language.

* Doutora em Filosofia, pela Universidade de Salamanca (ES); Doutora em Ética pela Universidad del País Vasco. Professora de Ética em Ciência e Tecnologia da Escola de Ciências e Tecnologias, Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Coordenadora do Grupo de Pesquisa "Estudos em Filosofia, Ciência, Tecnologia e Sociedade" (Phrónesis/Universidade Federal do Rio Grande do Norte/UFRN).

** Pesquisadora e Bolsista do Grupo de Pesquisa "Estudos em Filosofia, Ciência, Tecnologia e Sociedade". Phrónesis/ Universidade Federal do Rio Grande do Norte / UFRN).

Problemata: R. Intern. Fil. v. 7. n. 2 (2016), p. 170-184 ISSN 2236-8612

doi:<http://dx.doi.org/10.7443/problemata.v7i2.28510>

Introdução

Heidegger afirma, em sua obra *O que quer dizer pensar?* que “o modo próprio de ser da poesia se funda no pensar” (2002, p. 118). Porém, na modernidade, o modo do homem pensar e compreender o mundo passou a ser meramente técnico e pragmático. Ou seja, o pensamento não é situado e compreendido desde sua essência originária, como a clareira que perpassa a dimensão de abertura e de liberdade; onde o pensamento abre a possibilidade do que se pensa, de tornar aparecido aquilo que é pensado, tal como afirma Heidegger em sua obra *O fim da filosofia e a tarefa do pensamento* (1966, p. 77). Dessa forma, o pensar passa a ser estimado e projetado em função da sua eficiência e de sua utilidade. Essa projeção utilitária de “meios-para-fins” também acontece com a linguagem, que passa a ser compreendida apenas como um meio para a comunicação, menosprezando seu sentido ontológico.

Assim, o homem moderno deixa de lado o exercício do pensar meditativo, no sentido de desvelamento da verdade e da essência do ser. O pensar não é mais entendido em sua forma do descobrimento da verdade da essência do ser das coisas; ou seja, não pensamos as coisas a partir daquilo que elas são em si, mas desde a sua utilidade. Miranda, em *Técnica y Ser en Heidegger: Hacia una ontología de la técnica moderna* (2008, p. 346) observa, através do viés antropológico e instrumental da tecnologia que, quando, por exemplo, vamos a uma loja comprar um computador ou algum aparato tecnológico, não estamos preocupados com a função social que o computador desempenha na sociedade, ou qual implicação ele possui no nosso modo de ser, ou ainda qual essência precede o objeto técnico em si; o que importa é saber se “funciona bem”. Miranda (2008) observa ainda, interpretando Heidegger, que no lugar do pensar meditativo, atribuímos ao pensar uma função utilitária: que visa a essência do exato, do artificial, da matematização do real, um “agir-com-repeito-a-fins”, tal como também observava Habermas (1983, p. 305).

Portanto, em decorrência da modernidade, cujo modo de ser é baseado no pragmático e no técnico, o modo de pensar, a igual modo, passa a ser tecnicamente calculado. Daí que a atividade do pensar só faz sentido hoje em dia se está intimamente relacionada com a utilidade. É deste modo que, segundo Heidegger, a modernidade se distancia do sentido originário do pensar: como relação de abertura com o ser. É desde este contexto que se situa este estudo, ao pretender analisar, a partir da perspectiva heideggeriana, a atividade do pensar na modernidade. Pretende-se, além disso, mostrar o caminho do pensamento através da linguagem, levando em consideração a essência da técnica na modernidade. Para tanto, inicialmente aborda-se o sentido heideggeriano do “pensar calculador”, em contraposição com o que

também o filósofo denomina de “pensar meditativo”. Em seguida, estabelece-se a relação do modo de pensar com a linguagem e o papel que ocupa a técnica moderna neste cenário. Por fim, conclui-se com a pergunta que orienta e perpassa a reflexão central deste trabalho: até que ponto é possível afirmar que habitar poeticamente é o destino do homem, tal como afirma Heidegger, diante do mundo contemporâneo, cujo modo de pensar é essencialmente técnico?

O pensar calculador

O pensamento que calcula faz cálculos. Faz cálculos com possibilidades continuamente novas, sempre com maiores perspectivas e simultaneamente mais econômicas. O pensamento que calcula corre de oportunidade em oportunidade. O pensamento que calcula nunca para, nunca chega a meditar. O pensamento que calcula não é um pensamento que medita, não é um pensamento que reflete sobre o sentido que reina em tudo o que existe (HEIDEGGER, 2001, p. 13).

Em sua obra *Serenidade* (2001), Heidegger nos coloca frente à reflexão acerca da fuga da atividade do pensar no mundo contemporâneo. O homem contemporâneo encontra-se pobre de pensamentos. Mas, ao invés de reconhecer isto, afirma o contrário, justificando-se na aparente ideia da “sociedade do conhecimento”, do progresso e do avanço da ciência e da tecnologia, trazendo à tona o pensamento que calcula, mas não medita sobre o próprio pensar. Nesse mesmo sentido, em sua conferência *Carta sobre o humanismo* (2000), Heidegger nos mostra como o pensar, o agir, a linguagem e a nossa capacidade de compreender a realidade passam a ser estimados e projetados em função do eficiente, do útil, daquilo que é objetivo e eficaz.

Desse modo, deixamos de lado a nossa capacidade de reflexão e de pensamento no sentido do des-velar a essência do ser. Ou seja, a atividade do pensar não é vista em seu sentido originário, como a algo que perpassa a questão da clareira do ser, mas passa a ser manipulada e delineada pelos caminhos da técnica moderna, em seu sentido instrumental e neutral. Assim, Heidegger nos diz que a clareira como questão originária do pensamento quer dizer:

Clarear algo quer dizer: tornar algo leve, algo livre e aberto, por exemplo, tornar a floresta, em determinado lugar, livre de árvores. A dimensão livre que assim surge é a clareira. [...] A clareira é o aberto para tudo que se presente e ausente. Impõe-se ao pensamento a tarefa de atentar para a questão que aqui é designada como clareira (HEIDEGGER, 1966, p. 77).

Nesse sentido, e levando em consideração o delineamento do pensamento através da técnica, Heidegger argumenta que, para encontrarmos

a essência do pensamento, precisamos nos libertar da interpretação técnica do pensar. Porém, não é justamente ao pensar calculador e à interpretação técnica do pensar que nos encontramos presos, se levarmos em consideração as concepções instrumentais da técnica e da ciência? Na modernidade, por exemplo, os sentidos de técnica e de ciência passaram a ser essencialmente instrumentalizados, porque o nosso modo de pensar é técnico. Assim, a concepção de técnica como algo instrumental, meramente técnico, tornou-se comum, tal como tornou-se comum atribuir à técnica uma concepção antropológica, como atividade humana.

Acerca dessas concepções, Heidegger afirma:

A concepção corrente da técnica de ser ela um meio e uma atividade humana pode se chamar, portanto, a determinação instrumental e antropológica da técnica. Quem ousaria negar que ela é correta? Ela se rege evidentemente pelo que se tem diante dos olhos quando se fala em técnica. A determinação instrumental da técnica é mesmo tão extraordinariamente correta que vale até para a técnica moderna. Desta, de resto, afirma-se com certa razão ser algo completamente diverso e por isso novo face à técnica artesanal mais antiga. Também a usina de força, com suas turbinas e geradores, é um meio produzido pelo homem pra um fim estabelecido pelo homem. Também o avião a jato, também a máquina de alta frequência são meios para fins. Naturalmente, uma estação de radar é muito menos simples do que um cata-vento. Naturalmente, fabricar uma máquina de alta frequência exige a integração de diversos processos da produção técnico-industrial. Naturalmente, uma serraria perdida em algum vale da Floresta Negra é um meio primitivo quando compara com usina hidroelétrica instalada no Rio Reno (HEIDEGGER, 2012, p. 12).

Sendo assim, a gênese da técnica moderna também passa a ser “um meio para fins”, sendo esse fim a própria condição humana de ser e estar no mundo. Ainda sobre o caráter instrumental e antropológico da técnica moderna, Miranda argumenta:

Assim, se eu digo que a técnica ‘é um meio para fins’, ou que ‘é um fazer do homem, estou conferindo à técnica uma determinação instrumental e antropológica. Esta é a definição moderna de técnica, que segundo Heidegger, é uma concepção instrumental de técnica, baseada na ideia de ‘fazer’ e de ‘meio’. É esta visão moderna de técnica que será exaustivamente questionada por Heidegger: mesmo sendo tal concepção correta, argumenta o filósofo, ela pode não ser verdadeira. O correto nem sempre é sinônimo de verdadeiro, pois, aquele pode ocultar a essência de algo, ou seja, daquilo que é verdadeiro. E acrescenta: somente o que é verdadeiro nos leva a uma relação livre com o que nos toca a partir de sua essência. Disso conclui-se que a correta denominação instrumental de técnica não nos revela ainda sua essência (MIRANDA, 2002, p. 16).

Mas, será a técnica algo meramente técnico? Será que o caráter mais essencial da técnica é o instrumental e neutral? E qual a relação da técnica com o pensamento calculador? Segundo Heidegger (2012), se passarmos a considerar a técnica um mero aparato técnico, nunca chegaremos à essência daquilo que a técnica é em si. Pois a essência da técnica não é de modo algum

técnico, ou seja, não é descrevendo um aparato técnico de forma técnica, que chegaremos à essência do que ele é.

Mas, então, em que consiste e qual é a essência da técnica para Heidegger? Heidegger (2012) argumenta que a essência de algo é aquilo que ele é. Dessa forma, questionar a técnica é perguntar o que ela é. E o que é a técnica para Heidegger? É o modo de desvelar a essência das coisas, é um modo de desocultar. Nesse sentido, Heidegger argumenta que “a técnica não é, portanto, um simples meio. A técnica é uma forma de desencobrimento. Levando isso em conta, abre-se diante de nós todo um outro âmbito para a essência da técnica. Trata-se do âmbito do desencobrimento, isto é, da verdade” (2012, p. 17).

Percebemos, então, que as concepções instrumentais e meramente antropológicas da técnica implicam diretamente no modo de pensar calculador. Na medida em que não conseguimos estabelecer uma relação livre com a técnica e, assim, atingir a sua verdadeira essência, então também não conseguimos estabelecer um pensar meditativo acerca dessa verdade. Acabamos atribuindo ao pensar a essência do exato, do artificial, dos conceitos técnicos, e isso faz com que o pensar seja meramente calculador, afastando, assim, o questionamento acerca do ser e da sua essência.

Para Heidegger, portanto, o pensamento calculador é posto a serviço da técnica. Nele não há espaço para a meditação e a reflexão. Não há espaço para as perguntas e os questionamentos, tornando assim, o homem e o pensamento objetos manipulados pela vontade da técnica em seu sentido instrumental e neutro. Nesse caso, afirma Heidegger (2001) que junto à mais elevada eficiência e utilidade do cálculo que tudo planifica e produz, coincide a indiferença em relação ao pensar meditativo; uma total ausência de pensamento.

É neste contexto que Heidegger observa que o homem moderno não pensa sobre o próprio mundo, sobre a própria essência do ser e da técnica; ele subjuga o pensar sobre suas ações e o refletir sobre seus atos: tudo já está previamente calculado, planejado, porém, fora da esfera meditativa do pensar. O discurso baseado no progresso científico e tecnológico, por exemplo, abdica deste pensar meditativo, na medida em que o pensamento é posto como uma ferramenta, como um meio para fins: um meio para a aplicabilidade de projetos tecnológicos e científicos. Com isso, através do pensamento calculador, não somos capazes de abrir a nossa presença, a nossa existência à essência da técnica como um *des-velar*, como verdade posta daquilo que é. Pois, o pensar meramente calculador apenas permite uma relação instrumental com a técnica, com o mundo e com nossa existência, deixando-os desprovidos de seu sentido originário.

Podemos citar como um exemplo dessa implicação da técnica como algo meramente instrumental a partir do pensamento (que passa a ser um mero cálculo), o próprio conceito comumente utilizado de “conhecimento aplicado”. A que se deve tal denominação? Em que consiste, habitualmente, o sentido de “conhecimento aplicado”? Acaso existe conhecimento que não seja aplicado?

Se nos fixamos atentamente na intencionalidade e no uso deste conceito (e de outros, como é o caso do termo “ciência aplicada”), fica evidenciado que quando pensamos em algo que seja aplicado, enquadramos nosso pensamento na categoria da utilidade, inserido não na esfera da *clareira do ser* ou desde sua essência, e sim no âmbito utilitário do fazer, de meios-para-fins. Em decorrência disso, quando pensamos desde a categoria do conhecimento técnico, por exemplo, conseguimos situá-lo no âmbito do prático; o mesmo não ocorre com a poesia. Ou seja, quando pensamos em um conhecimento que não segue a lógica instrumental, pragmática, não o consideramos aplicado, como é o caso da poesia. Porém, pode a poesia não ser prática? Isto é, pode ela não pertencer ao mundo da vida? Ou ainda: necessariamente o “conhecimento aplicado” implica em um fazer, um agir prático? E mais: em que está implicado o pensar calculador em relação ao “conhecimento aplicado” ou em relação à poesia como conhecimento que não é aplicado?

Em *Carta sobre o Humanismo* (2005), falando sobre o agir, Heidegger observa, uma vez mais, que o sentido mais corrente que pensamos sobre o agir é o da utilidade, como sinônimo de produzir algum efeito, alguma ação. Porém, ele afirma que a essência do agir não é meramente um sinônimo de ação em sentido prático, mas é, antes de tudo, consumir. Assim ele diz: “[...] a essência do agir é consumir. Consumar significa desdobrar alguma coisa até à plenitude de sua essência; levá-la à plenitude, *producere*. Por isso, apenas pode ser consumado, em sentido próprio, aqui o que já é. O que, todavia “é”, antes de tudo, é o ser” (Heidegger, 2005, p. 7). Portanto, pensar desde a essência do agir é pensar essencialmente sobre o ser. Desse modo, o pensar consome a relação entre o ente e o ser, através da linguagem. Assim, a poesia aqui pode representar uma relação profunda com o ser. Ela não é uma mera “escravização” da linguagem e não está inserida no pensar meramente calculador. Por isso, se levamos em consideração o pensar meramente calculador, efetivamente, a poesia não é vista como um conhecimento aplicado. Nesse contexto, recobra sentido quando o poeta Manoel de Barros diz:

Prefiro as máquinas que servem para não funcionar:
quando cheias de areia de formiga e musgo - elas
podem um dia milagrar de flores.
(Os objetos sem função têm muito apego pelo abandono.)
Também as latrinas desprezadas que servem para ter
grilos dentro - elas podem um dia milagrar violetas.

(Eu sou beato em violetas.)
Todas as coisas apropriadas ao abandono me religam a Deus.
Senhor, eu tenho orgulho do imprestável!
(O abandono me protege.) (BARROS, 1996, p. 57).

O olhar do poeta leva em consideração não a utilidade das coisas. O que está implicado não é o *servir para* do objeto, mas sua essência desde o que ele é e se apresenta, pelo abandono de sua concepção de funcionalidade. O inútil se torna imprestável pelos olhos que calculam, que não é o mesmo olhar dos olhos que contemplan do poeta. Logo, o considerado como “imprestável”, porque inútil, é o que há de se orgulhar, segundo o poeta. Aqui não há espaço para o cálculo do fazer prático, mas para a relação essencial e existencial com a abertura do ser das coisas enquanto um ser que se desdobra em mistério e beleza pelo que é em si (pensar é contemplar, já diziam os Antigos!).

Para os olhos que contemplan do poeta, a ciência, enquanto “conhecimento aplicado”, pode nomear, calcular e enquadrar. Mas há outra parte do conhecimento, que se diz da verdade das coisas, a qual a ciência não alcança. Assim observa o poeta:

A ciência pode classificar e nomear todos os órgãos de um sabiá
mas não pode medir seus encantos.
A ciência não pode calcular quantos cavalos de força existem
nos encantos de um sabiá.
Quem acumula muita informação perde o condão de adivinhar: divinare.
Os sabiás divinam (BARROS, 1996, p. 57).

Dessa forma, com o pensar calculador, o habitar humano (o da essência do ser-poético) passou a ser condicionado e restrito pela unilateralidade do cálculo e da medida. Daí que o pensar abandonou seu sentido originário da abertura do ser, não sendo capaz de realizar sua tarefa essencial de pensar o ser (clareira). Mas, como resgatar esse sentido originário do pensar? É a partir desta pergunta essencial que Heidegger resgata e propõe o pensar meditativo, como uma outra experiência do pensar, que foge ao mero cálculo.

O pensar meditativo

O pensamento que medita exige de nós que não fiquemos unilateralmente presos a uma representação, que não continuemos a correr em sentido único na direção de uma representação. O pensamento que medita exige que nos ocupemos daquilo que, à primeira vista, parece inconciliável (HEIDEGGER, 2001, p. 23).

Heidegger (2001, p. 23) adverte que para pensar meditativamente não podemos ficar atados unilateralmente em uma única representação (instrumental) do ser das coisas. A saída não está em uma única via ou na direção única da utilidade e da instrumentalidade da razão. É neste sentido que o homem contemporâneo abandonou o exercício do pensar meditativo, do desvelamento da verdade e da essência do ser. Ou seja, vivemos em um tempo em que a própria essência e a verdade do ser são pensadas a partir da esfera do útil e não mais por aquilo que o ser é em si. O pensamento meditativo requer de nós que nos comprometamos com algo que, à primeira vista, parece estar oculto. Em *Serenidade*, Heidegger assim analisa o ato da meditação:

[...] a meditação persiste, é demasiado <<elevada>> para o entendimento comum. Nesta desculpa a única coisa correta é que é verdade que um pensamento que medita surge tão pouco espontaneamente quanto o pensamento que calcula. O pensamento que medita exige, por vezes, um grande esforço. Requer um treino demorado. Carece de cuidados ainda mais delicados do que qualquer outro verdadeiro ofício. Contudo, tal como o lavrador, também tem de saber aguardar que a semente desponte e amadureça (HEIDEGGER, 2001, p. 14).

Heidegger nos diz que o pensar meditativo não é tão espontâneo quanto o pensar calculador. Enquanto o pensar calculador apenas calcula e, por vezes, está inserido no caminho mais rápido, visando apenas um resultado prático e instrumental; o pensar meditativo vai além de alcançar meros resultados calculados, mas busca, antes de tudo, uma reflexão do pensamento.

Percebemos aqui, que a experiência do pensar é outra: o chegar à presença da linguagem e da técnica não se dá de forma calculada. Assim sendo, a essência que revela o pensamento e nos coloca de encontro com a linguagem e com a técnica é o pensar contemplativo. Aqui não há meramente o pensamento planejado, que tudo calcula; abre-se o espaço do contemplar o que há de mais profundo, a essência das coisas. Neste sentido, Heidegger (2012, p. 17) aponta que a técnica não é meramente um meio, mas um modo de desabrigar, de des-velar, a verdade de algo. Desse modo, o sentido pela verdade se dá através da técnica: a concepção do des-velamento do ser acontece pela técnica. Nesse mesmo sentido, Heidegger argumenta, “[...] O que a essência da técnica tem a ver com o descobrimento? Resposta: tudo. Pois é no descobrimento que se funda toda a pro-dução” (HEIDEGGER, 2012, p. 17). É através da pro-dução que algo se torna desvelado, aparecido. No sentido grego de *poiésis*, o fazer chegar à presença das coisas é feito pela produção, ou seja, a técnica é o modo de des-velar as coisas através da produção material.

Porém, a forma de produção e fazer com que a essência das coisas apareça não é a mesma na técnica moderna. Heidegger (2012, p. 19) coloca que, para os Antigos, por exemplo, o fazer com que a essência das coisas apareça se dava de forma natural, de modo não provocativo; já para os modernos, isso acontece como uma forma de provocação da natureza. Por isso mesmo, segundo Heidegger, o homem moderno encontra-se de costas para o ser, ou seja, a concepção instrumental da técnica retira seu sentido originário: o des-velamento.

Como exemplo, podemos citar o trabalho artesanal das rendeiras: ao tecer os fios para pro-duzir a renda, as rendeiras possuem uma estreita relação perante à técnica (*téchne*), diferente da existente na concepção de técnica no mundo contemporâneo. Como vimos, segundo Heidegger, a *téchne* representa o modo de desvelamento do ser, do aparecimento do ser das coisas, logo, a pro-dução do trabalho artesanal das rendeiras apresenta a *techné* em sua profunda forma de fazer-se chegar à presença das coisas, em sua profunda forma de revelação do ser.

Dessa forma, é através do pensamento meditativo que estabelecemos uma relação livre com a técnica, com a linguagem, pois deixamos de lado o padrão que apenas calcula e planifica e trazemos à tona a relação essencial com a existência das coisas, e passamos a questionar e a refletir sobre a própria essência do pensamento e do papel que a técnica ocupa na modernidade. Nesse sentido, Heidegger argumenta:

Questionando assim, damos testemunho da indigência de, com toda técnica, ainda não sabermos a vigência da técnica, de, com tanta estética, já não preservarmos a vigência da arte. Todavia, quanto mais pensarmos a questão da essência da técnica, tanto mais misteriosa se torna a essência da arte. Quanto mais nos avizinhamos do perigo, com maior clareza começarão a brilhar os caminhos para o que salva, tanto mais questões haveremos de questionar. Pois questionar é a piedade do pensamento (HEIDEGGER, 2012, p. 37-38).

É através dos questionamentos sobre a essência da própria técnica que podemos sair da esfera útil que impera na modernidade, fazendo com que o ser das coisas volte a se manifestar no desocultar de sua verdade. Essa clareza que começará a brilhar os caminhos para o que salva, como menciona Heidegger, acontecerá através do pensamento meditativo.

Diante do que já foi exposto sobre o pensamento, retomemos uma vez mais sua relação com a linguagem. Segundo Heidegger (2003, p. 7), é o pensamento que busca realizar uma representação universal da linguagem, de sua essência. Portanto, essa representação da essência da linguagem é fornecida através da experiência pensante. Se a experiência pensante for de forma calculada, a representação da linguagem também será compreendida a partir desta perspectiva. Porém, se a experiência pensante for através do

pensar meditativo, a representação da linguagem terá, portanto, um caráter meditativo. É através do diálogo entre o pensamento e a poesia que se chega à essência da linguagem, que se chega à morada do ser, tal como veremos a seguir.

A linguagem: a casa e o habitar do ser

O acesso à essência de uma coisa nos advém da linguagem. Isso só acontece, porém, quando prestamos atenção ao vigor próprio da linguagem. Enquanto essa atenção não se dá, desenfream-se palavras, escritos, programas, numa avalanche sem fim. O homem se comporta como se ele fosse criador e senhor da linguagem, ao passo que ela permanece sendo a senhora do homem (HEIDEGGER, 1954, p. 1).

Quando se pensa no significado e no que a linguagem simboliza, normalmente tem-se a opinião corrente de que ela é um sistema de signos, símbolos e códigos usados na comunicação, seja ela verbal ou não-verbal. Ao olhar a definição de linguagem nos dicionários, por exemplo, comumente encontramos estas elucidações:

*sf (provençal *lenguatge*)* 1. Faculdade de expressão audível e articulada do homem, produzida pela ação da língua e dos órgãos vocais adjacentes; fala; 2. Conjunto de sinais falados (glótica), escritos (gráfica) ou gesticulados (mímica), de que se serve o homem para exprimir suas ideias e sentimentos; 3. Qualquer meio que sirva para exprimir sensações ou ideias; 4. Agregado de palavras e métodos de os combinar usados por uma nação, povo ou raça; idioma, língua, dialeto; 5 Fraseologia particular de uma classe de pessoas, profissão, arte, ciência, etc (Dicionário Michaelis, 2009).

Nessa perspectiva, Heidegger (2003) elenca algumas características que, segundo ele, são relacionadas ao sentido corriqueiro de linguagem, tais como: (i) a representação da linguagem como expressão, levando em consideração a percepção de um “interior que se exterioriza”, sendo a representação mais exterior da linguagem o caráter de expressão. (ii) considera-se também o caráter da fala como atividade humana. Heidegger elucida que “falar é uma atividade humana. Nesse sentido, devemos dizer que o homem fala, e que ele sempre fala uma língua. Então não podemos dizer: a linguagem fala. Pois isso significaria que é a linguagem que propicia e concede o homem. Assim pensado, o homem seria uma promessa da linguagem” (HEIDEGGER, 2003, p. 10). (iii) E, por último, ele afirma que “a expressão do homem é uma representação e apresentação do real e do irreal” (HEIDEGGER, 2003, p. 10).

Levando em consideração estas representações acerca da linguagem, percebe-se que, por vezes, ela é pensada apenas como uma ferramenta para

comunicação. A partir destas concepções, fica atribuído à linguagem um caráter estritamente instrumental, sem sentido ontológico. Com isso, o homem pensa que é possuidor da linguagem, quando, na verdade, não o é. Pois o homem é e acontece na linguagem. É na escuta do silêncio e na abertura do mistério da linguagem que o homem chega à essência e à verdade não instrumentalizadas da linguagem. Dessa forma, Heidegger (2003) justifica que estas definições acerca da linguagem não são suficientes para defini-la desde a sua essência. Não é compreendendo-a apenas como signo, código ou expressão que alcançaremos a sua plenitude, que é o poético. Nesse mesmo sentido, num estudo muito oportuno sobre *Heidegger e a poesia*, Benedito Nunes enfatiza:

Mas devido ao seu vínculo existencial, a estrutura constitutiva da fala segue o mesmo movimento oscilatório daquele a quem constitui, ora mantendo-se na claridade da abertura, ora decaindo para a objetivação alienadora [...] Então a linguagem é a linguagem de todos e de ninguém; gastas pelo consumo, manejáveis pelo seu valor de troca no mercado das significações estabilizadas que a gente negocia, convertidas na gestualística verbal do falatório, da parolagem, as palavras fecham-nos ao mundo. E só poderá novamente reabri-lo o discurso, se reavivado pelo seu tom, pela disposição que o abre ao mundo e o qualifica de poético (NUNES, 2000, p. 110).

Até aqui, apresentou-se a linguagem a partir de suas concepções comuns, com um caráter operacional, objetivado e tecnicado, não chegando ao seu sentido mais essencial. Mas, de que forma chegamos à essência e à plenitude da linguagem? De acordo com Heidegger (2003) essa relação diante à essência da linguagem possui uma relação com a nossa presença e com a experiência própria frente à linguagem, ao passo em que ela é vista como nossa morada, conforme veremos a seguir.

Em sua obra *A caminho da linguagem*, Heidegger mostra o papel que a linguagem ocupa nesta discussão:

A linguagem é a casa do ser. Procedendo desse modo, a poesia haveria de proporcionar a mais bela confirmação de uma posição de pensamento, pronunciada em outra ocasião. Só que na verdade proceder assim seria confundir e misturar tudo. Agindo assim, não apenas rebaixamos a poesia para a posição de mera validade de um pensamento como tocamos o pensamento como algo leviano, esquecendo o que significa fazer uma experiência com a linguagem (HEIDEGGER, 2003, p. 127).

Se a linguagem é a casa do ser e em sua morada habita o homem, então os pensadores, poetas e guardiões dessa morada (a da manifestação do ser) acontece através da linguagem. Porém, como já demonstramos aqui, na modernidade, o modo do homem pensar e compreender o mundo passou a ser meramente técnico. E, com isso, o pensar e a linguagem passaram a ser

estimados e projetados em função da eficiência e da utilidade; como mera informação. Mas, qual a implicação de considerar a linguagem mera informação? Neste sentido, Loparic nos diz que:

(...) quando isso acontece, quando a linguagem deixa de ser a “casa do ser” para se tornar apenas um modo de registrar informações perceptivas sobre objetos da experiência representacional, há o perigo de o ser como tal ficar esquecido. E quando há esse perigo – o ser de uma coisa tendo sido reduzido a ser objeto, à mera objetividade (*Gegeständlichkeit*) –, a pergunta pelo ser do ente (pelo ente como tal no seu todo) é ameaçada de falta de sentido. Nessa situação, o homem também corre perigo extremo, pois, de acordo com Heidegger – (estou usando aqui a linguagem de Ser e tempo) o homem existe como pergunta pelo sentido ou pela verdade do ser, não apenas como sintetizador de percepções de objetos. Dito de outra maneira, o ser humano não é determinado inicialmente pela relação sujeito-objeto, mas como sendo o aí da presença viva dos entes no seu todo, ou seja, o lugar do desocultamento do ser (LOPARIC, 2004, p. 3).

Desse modo, como dito anteriormente, a linguagem não deve ser definida apenas nos moldes da gramática, da escrita. Ela é estética, poética, repleta de intencionalidade e de experiência (tanto dela própria, quanto a do indivíduo); é algo que desperta a essência do ser das coisas e a acolhe para habitar o seu verdadeiro lugar. Dessa forma, é necessário, que sejamos capazes de vivenciar e habitar a experiência mais essencial da linguagem: a poética. Assim, Heidegger argumenta:

Para nós, no entanto, ainda não está decidido se somos capazes de fazer, de forma apropriada, uma experiência poética com a linguagem. Estamos sempre no perigo de sobrecarregar um poema com excesso de pensamento e assim impedir que o poético nos toque. Um perigo ainda maior -hoje dificilmente assumido- é o de pensar de menos, de resistir ao pensamento de que a experiência em sentido próprio da linguagem só pode ser uma experiência de pensamento, de que a grande poética de toda poesia sempre vibra um pensamento. Mas, se em jogo está uma experiência pensante com a linguagem, por que fazer referência a uma experiência poética? Porque o pensamento segue seu caminho na vizinhança da poesia. Por isso, é bom pensar no vizinho, naquele que habita a mesma proximidade (HEIDEGGER, 2003, p. 133).

Então, desde o que dito heideggeriano acima, recobra sentido a habitação poética da condição humana, através da linguagem e da sua relação com o pensamento. Ou seja, torna-se necessário uma relação pensante com a experiência da linguagem, pois para chegarmos à essência poética da linguagem é necessário que questionemos a própria essência da linguagem, através do pensar meditativo. Aqui não há espaço para o pensar meramente calculador, pois, se é também através do pensamento que chegamos à linguagem, então, se o pensar for essencialmente calculador e técnico, fica atribuído à linguagem uma concepção meramente técnica e, nesse caso, a

linguagem não atingiria a sua meditação essencial, não chegaria à essência verdadeiramente poética.

Considerações finais

Nós chegamos demasiado tarde para os deuses e demasiado cedo para o ser. Deste o homem é o poema apenas iniciado (HEIDEGGER, 1954, p. 31).

Conforme observa Miranda, em *Técnica y Ser en Heidegger: Hacia una ontología de la técnica moderna* (2008, p. 18), a técnica ocupa um lugar essencial na modernidade e, com isso, determina nosso modo de ver o mundo - a concepção que temos do mundo é técnica. Aqui recobra sentido a pergunta: até que ponto é possível afirmar que habitar poeticamente é o destino do homem diante do mundo contemporâneo, cujo modo de pensar é essencialmente técnico?

Tomando como ponto de partida o pensamento de Heidegger acerca da técnica, em seu sentido originário, como *poiésis* e, além disso, como o habitar do homem no mundo, então, podemos considerar que pensar poeticamente é um dos passos fundamentais e decisivos na direção da constituição de um novo modo de conceber a técnica no tempo presente, não apenas como fazer prático, mas sobretudo, como fazer poético. A poesia é posta como a linguagem essencial da essência das coisas. É a linguagem que chama o ser para virar-se e o convida para entrar, para habitar a morada que há tanto está vazia. Assim, pode o fazer poético ser uma forma de caminho para a essência do ser. Heidegger afirma que “O poético atravessa, com seu vigor, toda arte, todo desencobrimento do que vige na beleza” (HEIDEGGER, 2012, p. 37). Como na poesia do poeta, que diz “onde nasce o perigo, cresce também o que salva” (HÖLDERLIN, 1954, p. 173), a própria saída pode consistir no sentido da verdade da técnica, como *poiésis* *poiética*, e não mais como produção instrumental, tecnicada. Como sugere Loparic, em *Heidegger e a pergunta pela técnica*:

Para tanto, é preciso que aconteça a viragem no desocultamento do ser, o que, de novo, só pode dar-se a partir do ser ele mesmo. Faz-se necessária uma revira-volta capaz de afiançar o salvamento do esquecimento do ser, típico da técnica e fonte da sua periculosidade, num mundo que não seja mais dominado pelo poder da técnica e onde o homem possa de novo morar (LOPARIC, 1996, p. 20).

Portanto, para fazer frente ao pensamento calculador e essencialmente utilitarista, no qual o pensamento já não medita e onde a linguagem se reduz à própria fala ou à forma estrutural da escrita, é necessário, então, habitar [poeticamente] a nossa morada, o pensamento, a técnica, resgatando o ser no

mundo da forma mais essencial e genuína. Habitar poeticamente, onde o pensar é meditativo, é o destino (no sentido da reviravolta) do homem diante do mundo atual, cujo modo de pensar é essencialmente técnico.

Referências

BARROS, Manoel de. *Livro sobre nada*. 3^o edição. Rio de Janeiro: Record, 1996.

HEIDEGGER, Martin. *A caminho da linguagem*. Petrópolis: Vozes, 2003.

_____. A questão da técnica. *Ensaaios e conferências I*. Traduzido por: Emmanuel Carneiro Leão, Gilvan Fode, Marcia Sá Cavalcante Schuback. Petrópolis: Vozes; Bragança Paulista: Editora Universitária São Francisco, 2012.

_____. Construir, Habitar, Pensar. *Ensaaios e conferências*. Traduzido por: Emmanuel Carneiro Leão, Gilvan Fogel, Marcia Sá Cavalcante Schuback. Petrópolis, RJ: Vozes, 2001.

_____. O que quer dizer pensar? *Ensaaios e conferências*. Traduzido por: Emmanuel Carneiro Leão, Gilvan Fogel, Marcia Sá Cavalcante Schuback. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

_____. *O fim da filosofia e a tarefa do pensamento*. São Paulo: Abril Cultural, 1966.

_____. *Serenidade*. Lisboa: Instituto Piaget, 2001.

LOPARIC, Zeljko. *A linguagem objetificante de Kant e a linguagem não-objetificante de Heidegger*. Nat. hum. v.6 n.1 São Paulo jun. 2004.

_____. *Heidegger e a pergunta pela técnica*. Cadernos de História e Filosofia da Ciência, série III, v. 6, n. 2, São Paulo, 1996.

LINGUAGEM. Michaelis. *Moderno Dicionário da Língua Portuguesa*. Melhoramentos, 2009. Disponível em: <<http://michaelis.uol.com.br/moderno/portugues/index.php?lingua=portugues-portugues&palavra=linguagem>>. Acesso em: 02 de mar. 2016.

MIRANDA, A. L. *Da natureza da tecnologia: uma análise filosófica sobre as dimensões ontológica, epistemológica e axiológica da tecnologia moderna*. Curitiba: Biblioteca do Centro Federal de Educação Tecnológica do Paraná, 2002.

_____. *Técnica y ser en Heidegger: Hacia una ontología de la técnica moderna*. Tese (Doutorado em Filosofia, Lógica e Estética) - Universidad de Salamanca, Espanha, 2008.

NUNES, Benedito. *Heidegger e a poesia*. São Paulo: Natureza Humana, 2(1):103-127, 2000.